



“UM PÉ DE QUÊ?” UMA DINÂMICA PARA CONSCIENTIZAÇÃO DE TURMAS DE BOTÂNICA NO ENSINO BÁSICO

Rogério José Melo Nascimento¹
Francisco Lucas Menezes de Souza²
José Fanuel Moreira de Lima³

RESUMO

É notório que a inclusão de pessoas com deficiência sensorio-motora é um dos pilares para o desenvolvimento de uma sociedade igualitária, no entanto, por ser uma conquista relativamente recente essa forma de se educar tem deixado diversas lacunas, fato esse ligado a problemas, como falta de qualificações e déficits orçamentários, a quais impedem a realização de muitas atividades. Visto esta problemática, o estudo propôs a realização de uma dinâmica que não gera gastos, e pode ser usada como forma de conscientização social com turmas de botânica no ensino básico. O artigo para ser concretizado adotou em sua metodologia um estudo documental para situar o leitor em como encontra-se a inclusão de pessoas cegas no Brasil, e explicou de forma sucinta como a dinâmica pode ser realizada, discutindo exemplos. Ao final do trabalho notou-se uma grande potencialidade na proposta, ficando como ideia para realizações posteriores em sala de aula.

Palavras-Chaves: Botânica, inclusão, pessoas cegas, dinâmicas.

Introdução

A exercitação da criatividade das crianças é extremamente interessante para o desenvolvimento de competências psicossociais, além disso, pode servir como uma boa forma de ensinar conteúdos éticos, como respeito, fraternidade e empatia. Segundo Davidov (1988) durante essa fase escolar, criam-se mudanças essenciais nos estudantes, pois quando o mesmo está inserido em um meio que lhe gere obrigações, isto fará o desenvolver-se.

A união de atividades criativas em sala de aula por sua vez, pode servir como uma ponte que ligue as obrigações do ensino com a flexibilidade de uma brincadeira ou um jogo por exemplo. Nessa perspectiva a dinâmica de grupo pode surgir como um aliado, mas antes de discutir essa possibilidade, primeiro tem de se compreender o que é então a dinâmica em grupo.

Para Cartwright & Zander (1975), o conceito pode imergir de três definições, a primeira como um sistema de ideias políticas encontradas em lideranças democráticas, o que

¹Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Ceará - IFCE, lucasmenezes578@gmail.com;

²Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Ceará - IFCE, rogeriojose099@gmail.com;

³ Professor orientador: Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Regional do Cariri-URCA, fanuelmoreira@gmail.com.



serve para executar tanto características coletivas, como individuais, a segunda linha de pensamento falar de um conjunto de recursos, como técnicas de observação e debate, por fim a terceira explicação friza o uso da dinâmica como forma de avaliação de um grupo, e dessa forma como este se compota.

Compreendendo a terceira linha de definição, está atividade pode surgir como aliado do professor em suas avaliações, quebrando o paradigma da prova escrita. Visto isso, o trabalho justificar-se pela exploração desse recurso, como forma de inclusão e desenvolvimento de valores éticos.

Primeiro Marco teórico – Inclusão de pessoas cegas

A Constituição Federal de 1988 é o marco inicial para que a educação seja inclusiva, e ressaltar que “assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos” (BRASIL, 1988).

Além da constituição, a Lei de diretrizes e Bases da educação brasileira ressalta essa garantia no artigo 59º, capítulo V:

“Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades além de professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns” (BRASIL, 1996).

Desta forma, passar a ser dever do estado prover as ferramentas para que essa inclusão ocorra de forma satisfatória e plena. No entanto, esse ensino aprendizagem esbarra com inúmeras dificuldades, entre elas, a falta de formação complementar. O ensino de pessoas cegas por exemplo, exigir do educador uma serie de competências e saberes.

Por exemplo a audiodescrição, forma de tratar com palavras figuras que antes eram empecilhos nessa forma de ensino, quando realizadas por professores obrigam eles, a serem segundo Lima:

[...] atento, inquisitivo, ansioso por encontrar os detalhes que se fazem necessários para a compreensão do evento imagético; para alcançar a tradução vívida, específica, correta, clara e concisa das imagens e para prover as condições de acessibilidade comunicacional, de oportunidade cultural e de igualdade educacional aos usuários da áudio-descrição. Lima (2011, p. 14)



Visto isso, ficar como alerta, para a única forma de se realizar uma tradução fiel do que se está em uma imagem, sendo o primeiro passo a sensibilidade e a capacidade de comunica-se com o público, competências essas comuns para todas as pessoas.

Segundo marco teórico – o ensino de ciências e botânica

O ensino de ciências é importante no âmbito educacional pois suas estratégias tem a potencialidade de despertar o interesse dos estudantes sobre fenômenos naturais importantes para a compreensão da vida em sociedade (COSTA, 2011), no entanto para que isso ocorra de maneira efetiva o educador tem de se planejar de forma eficaz.

Estratégias desse tipo tem por finalidade facilitar o processo de ensino aprendizagem, como ressalta, Drive:

Para que os aprendizes tenham acesso aos sistemas de conhecimento da ciência, o processo de construção do conhecimento tem que ultrapassar a investigação empírica pessoal. Quem aprende precisa ter acesso não apenas às experiências físicas, mas também aos conceitos e modelos da ciência convencional. O desafio está em ajudar os aprendizes a se apropriarem desses modelos, a reconhecerem seus domínios de aplicabilidade e, dentro desses domínios, a serem capazes de usá-los. Se ensinar é levar os estudantes às ideias convencionais da ciência, então, a intervenção do professor é essencial, tanto para fornecer evidências experimentais apropriadas como para disponibilizar para os alunos as ferramentas e convenções culturais da comunidade científica (DRIVER *et. al.*, 1999, p. 34).

Nesta perspectiva o uso de dinâmicas inclusivas pode facilitar conteúdos extremamente visuais, como no ensino de botânica. Segundo Silva (2008) este conteúdo limita-se bastante apenas em termos científicos, estes abordados de forma que desvinculam-se da realidade dos estudantes, sendo assim, novas perspectivas são bem vindas.

Exercitar formas de trazer as realidades dos discentes para dentro da aula é uma metodologia essencial para incluir os alunos em um grande debate que possibilite o interesse deles sobre o mundo em que vive, e segundo Freire (1997) é necessário experienciá-la.

Deste modo o trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de dinâmica, denominada “um pé de quê?” que visa, de forma lúdica, imergir os estudantes no conteúdo de botânica, trazendo diálogos sobre a inclusão de pessoas cegas como forma libertadora e preparatória para um país mais inclusivo.

Metodologia



O estudo é de caráter qualitativo devido as suas características que são entender, descrever e discutir problemáticas sociais, analisando documentalmente estudos da área para situar o artigo (Gil, 2008).

Para Gil (2007, p.17) a estrutura da “pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados”. Entre essas fases, o artigo iniciou-se por um estudo documental que é descrito por Pádua (2003), como um estudo investigativo de problemáticas por meio de trabalhos dos estudiosos da área.

A dinâmica deverá ocorrer com grupos de no mínimo 4 estudantes, aonde um deles será o orador que irá descrever as características da planta, não só visuais, mas também relativas ao conteúdo, sendo as demais regras expostas na seção de resultados e discussões na tabela 1.

Ao final, realizou-se a análise dos conteúdos feitos no estudo documental com a proposta, conforme (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 243) que relata que essa “[...] etapa que faz o tratamento das informações obtidas pela coleta de dados para apresentá-la de forma a poder comparar os resultados esperados pelas hipóteses”, compilando isso, nas considerações finais.

Resultados e discussões

A arte para possível exibição do layout da dinâmica (a critério do professor) encontra-se na figura 1, para uso em aulas, juntamente de sua audiodescrição, que deve ser dita para os alunos todos vendados para iniciar a dinâmica já de forma imersiva.

Figura 1 – layout da dinâmica





Audiodescrição – layout da dinâmica

A imagem apresenta as palavras “Dinâmica um pé de quê” na cor verde claro, com sombreamento em verde escuro, tendo as letras abaixo uma raiz, também verde, que insinuar que as palavras são plantas. A acentuação é feita usando folhas.

Fonte. O autor.

As regras iniciais encontram-se na tabela 1, as mesmas podem ser reescritas e adaptadas para outros conteúdos, de início a dinâmica tem dois focos, trabalhar uma ação conscientizadora aonde em primeiro lugar os alunos terão de explicar como foi sua experiências e as dificuldades que sentiram, e em segundo, a critério do professor, usá-la como ação de revisão ou de avaliação.

Tabela 1 – regras da dinâmica

<i>Regras</i>	<i>Pontuação ganha</i>	<i>Infrações da dinâmica</i>	<i>Pontuação perdida</i>
<i>As equipes serão formadas por grupos de no mínimo 4 pessoas</i>	<i>Sem pontuação</i>	<i>Tira a mascara</i>	<i>- 20 pontos</i>
<i>O grupo escolherá o orador e o restante usará mascara</i>	<i>Sem pontuação</i>	<i>Falar palavrão</i>	<i>-20 pontos</i>
<i>Serão no mínimo 5 rodadas, sendo possível rodadas de desempate</i>	<i>Sem pontuação</i>	<i>Atrapalhar a outra equipe</i>	<i>-20 pontos</i>
<i>Só poderá acontecer uma troca de orador</i>	<i>Sem pontuação</i>	<i>Não querer relatar sua experiencia (cada estudante)</i>	<i>-20 pontos</i>

Cada orador recebera a imagem da planta pelo professor durante sua vez, não podendo ver a imagem antes.

Serão apenas 2 minutos cada rodada

Descrever as características visuais da planta e falar aonde pode ser encontrada ou usada

Acerto nos primeiros 30 segundos *50 pontos*

acerto depois dos 30 segundo e antes dos 60 segundos *30 pontos*

Acerto depois de 60 segundo *15 pontos*

Só serão permitidos até 3 respostas, após isso não será mais aceito

Ao final todos terão de falar sobre sua experiencia *5 pontos*

Fonte: O autor

A ideia de ter poucos oradores explica-se pelo fato dos estudantes vendados sintam-se não apenas naquele momento imersivos, mas durante toda a explicação, logo isso simularia uma aula completa. Nessa perspectiva terão duas experiencias, as dos estudantes oradores que relatarão suas dificuldades em passar seu conteúdo, sendo uma forma de demonstra a todos as



dificuldades que o professor encontrar em ministra uma aula e pôr fim a visão dos alunos com máscara em receber o conteúdo.

Ao realiza-se a dinâmica o professor terá de tomar cuidado em não fugir do tema, pois para que ação seja completa eles devem ter a sensação de aula, logo os alunos ao descreverem plantas, terão de situar aquilo com conteúdo ministrado pelo educador.

A socialização ao final deve ter as participações de todos, objetivando a integração de todas as opiniões, por isso foi proposto a perda de pontos por cada membro que não interaja, no entanto, vale salientar que isso está a cargo do professor, e por sua vez poderá manter ressalvas.

Considerações Finais

A pesquisa apontou pontos fortes para o emprego de dinâmicas, conforme discutiu-se nos marcos teóricos, haja visto que essa estratégia pode ser usada para diferentes objetivos dentro de sala de aula, tais como, avaliação, recolhida, revisão de conteúdos e como no caso do artigo uma ação conscientizadora.

Conforme o estudo bibliográfico também apresentou, o ensino de ciências é uma excelente maneira de despertar a curiosidade do aluno, desde que essas ações sejam feitas visando a realidade dos estudantes, por isso, a proposta da dinâmica mais uma vez apresenta-se como promissora, pois além de trabalhar um conteúdo extremamente técnico de forma mais criativa, esta abordagem vai além e deixa uma reflexão extra para os alunos.

Outro importante ponto a salienta-se é a visão dos alunos, que é destaque nessa ação, pois sem ela, torna-se inútil sua aplicação, visto isso, o professor tem de criar um clima propício para isso, dando possibilidades a todos darem suas opiniões.

No entanto a principal contribuição que o estudo deixa terá de acontecer fora da discussão meramente teórica e para sua consolidação a mesma haverá de ocorrer no chão da escola, e para isso o estudo deixa alguns avisos, como a capacidade do educador em guiar a atividade, frisando que os alunos não devem apenas levar aquilo como uma brincadeira mas sim uma nova forma de tratar as pessoas e assim serem mais inclusivos

Agradecimentos.

Agradecimento ao grupo de educação linguística e letras-GPEL, e ao Instituto Federal do Ceará, pela realização da pesquisa.



Referencias

BRASIL. **Constituição federal**, disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>, acesso em: 27 de maio 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Capítulo V – Da Educação Especial. Lei nº 9.394 de 20/12/96

CARTWRIGHT, D.; ZANDER, A. (Org). Dinâmica de grupo: pesquisa e teoria. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1975.

COSTA, M.V. Material instrucional para Ensino de Botânica: CD-ROM Possibilitador da aprendizagem significativa no ensino médio. 2011. 148f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ensino de Ciências do Programa de pós-graduação) – Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.

DAVIDOV, Vasili. La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico: investigación psicológica teórica y experimental. Moscú: Progreso, 1988.

Freire, P. 1997. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

LIMA, F. J. Introdução aos estudos do roteiro para áudio-descrição: sugestões para a construção de um script anotado. Revista Brasileira de Tradução Visual (RBTV), v. 7, ano 2011.

Pádua EMM. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática. 9ª edição. Campinas: Papirus; 2003.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manuel de recherche en sciences sociales**. Paris: Dunod, 1995.

Silva, P.G.P. 2008. O ensino da botânica no nível fundamental: um enfoque nos procedimentos. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru.